

LIÇÃO 9 - As Opiniões dos Eleatas e Pitagóricos sobre as Causas das Coisas

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 5: 986b 10-987a 28

“ **63.** Mas há alguns [os Eleatas] que falaram do todo como se fosse uma única natureza, embora as afirmações que fizeram não sejam todas semelhantes, seja com relação à sua aceitabilidade, seja com relação à sua conformidade com a natureza.

64. Portanto, uma consideração destes homens não pertence de modo algum à presente investigação das causas. Pois eles não, como certos filósofos [os primeiros físicos] que supunham o ser como um, ainda o geram a partir do uno como matéria; mas eles falam disso de outra maneira. Pois os outros assumem o movimento quando geram este todo, enquanto estes pensadores dizem que ele é imóvel.

65. No entanto, a opinião deles é relevante para a presente investigação até certo ponto; pois Parmênides parece tocar na unidade segundo a estrutura inteligível, e Melisso na unidade segundo a matéria. É por isso que o primeiro diz que ela é limitada, e o último que ela é ilimitada. Xenófanés, o primeiro daqueles a falar do uno (pois diz-se que Parmênides foi seu discípulo), não esclareceu nada, nem parece ter tocado em nenhum desses pontos. Mas com relação ao céu inteiro, ele diz que o uno é Deus.

66. Como dissemos, então, estes homens devem ser dispensados para os propósitos da presente investigação. De fato, dois deles — Xenófanés e Melisso — devem ser completamente desconsiderados por serem um pouco rústicos demais. Parmênides, no entanto, parece falar com mais perspicácia; pois ele pensava que, além do ser, existe apenas o não-ser, e isso é nada. É por isso que ele pensa que o ser é necessariamente um e nada mais. Discutimos este ponto mais claramente na Física. Mas, compelido a seguir os fatos observados, e tendo assumido que o que é uno do ponto de vista da razão é múltiplo do ponto de vista dos sentidos, ele postula, por sua vez, dois princípios, i.e., duas causas, o

quente e o frio, chamando um de fogo e o outro de terra; e destes, ele classifica o quente com o ser e o frio com o não-ser.

67. A partir do que foi dito, então, e dos sábios que já concordaram com este raciocínio, adquirimos estas coisas. Dos primeiros filósofos aprendemos que o princípio das coisas é corpóreo, porque água e fogo e coisas semelhantes são corpos; e de alguns aprendemos que há um princípio corpóreo, e de outros, muitos; embora ambos suponham que estes pertencem à classe da matéria. E de outros aprendemos que, além desta causa, existe a fonte da qual o movimento se inicia, que alguns afirmam ser uma e outros duas. Até os filósofos itálicos, então, e independentemente deles, outros falaram destas coisas de uma maneira mais trivial, exceto que, como dissemos, eles usaram dois tipos de causas, e um destes — a fonte do movimento — alguns pensadores consideram como uma e outros como duas.

68. Ora, os pitagóricos falaram destes dois princípios da mesma maneira, mas acrescentaram isto, que é peculiar a eles: que eles não pensavam que o limitado, o ilimitado e o uno são naturezas diferentes, como fogo ou terra ou qualquer outra coisa deste tipo, mas que o próprio ilimitado e o próprio uno são a substância das coisas das quais são predicados. E é por isso que eles consideraram o número como a substância de todas as coisas. Estes pensadores, então, expressaram-se assim com relação a estas coisas, e começaram a discutir e definir o "quê" propriamente dito das coisas, embora o tenham tratado de maneira muito simplória. Pois eles definiam as coisas superficialmente e pensavam que a substância de uma coisa é aquilo a que uma dada definição se aplica primeiramente; assim como se alguém supusesse que duplo e dois são a mesma coisa porque aquilo a que o duplo pertence primeiramente é o número dois. Mas talvez "ser duplo" não seja o mesmo que "ser dois"; e se não são, então o próprio uno será muitos. Esta é, de fato, a conclusão a que chegaram. Dos primeiros filósofos e outros, então, isto é o que se pode aprender.

COMENTÁRIO

Unitários

133. Aqui ele dá as opiniões daqueles filósofos que falaram de todo o universo como um ser único; e a respeito disso ele faz duas coisas. Primeiro, ele dá a opinião que eles mantinham em comum; e segundo (135), mostra como uma consideração desta opinião é relevante para o presente tratado, e como não é ("Portanto, uma consideração").

Ele diz, então, que houve certos filósofos, outros além dos recém-mencionados, que falaram "do todo", i.e., do universo, como se fosse de uma natureza única, i.e., como se todo o universo fosse um único ser ou uma única natureza. No entanto, nem todos mantiveram esta posição da mesma maneira, como ele esclarecerá abaixo (138-49). No entanto, na maneira como diferem, suas

afirmações não são nem aceitáveis nem em conformidade com a natureza. Nenhuma de suas afirmações está em conformidade com a natureza, porque eles eliminaram o movimento nas coisas. E nenhuma delas é aceitável, porque eles sustentaram uma posição impossível e usaram argumentos sofisticados, como fica claro no Livro I da *Física*.

134. Portanto, uma consideração (64).

Aqui ele mostra como uma consideração desta posição se relaciona com a investigação presente e como não se relaciona. Ele mostra, primeiro, que ela não tem relevância para esta investigação se considerarmos a própria posição deles; e, segundo (137), que ela tem relevância para esta investigação se o raciocínio ou método por trás de sua posição for considerado (“No entanto, sua opinião”).

Ele diz, então, que, uma vez que esses filósofos sustentavam que há apenas um ser, e uma coisa única não pode ser a sua própria causa, fica claro que eles não conseguiam descobrir as causas. Pois a posição de que há uma pluralidade de coisas exige uma diversidade de causas no mundo. Portanto, uma consideração de suas afirmações não tem valor para os propósitos do presente estudo, que trata das causas. Mas a situação é diferente no caso dos antigos filósofos da natureza, que sustentavam que há apenas um ser, e cujas afirmações devem ser consideradas aqui. Pois eles geravam muitas coisas a partir desse princípio único como matéria e, assim, postulavam tanto a causa quanto o efeito. Mas esses homens com quem estamos agora lidando falam disso de uma maneira diferente. Pois eles não dizem que todas as coisas são uma materialmente, de modo que todas as coisas são geradas a partir de uma matéria, mas que todas as coisas são uma em um sentido absoluto.

135. A razão para essa diferença é que os antigos filósofos da natureza adicionaram movimento à visão daqueles que postulavam um ser e um princípio, e diziam que esse ser único é móvel; e, portanto, diferentes coisas poderiam ser geradas a partir desse princípio único por um certo tipo de movimento, i.e., por rarefação e condensação. E eles diziam que todo o universo, com respeito à diversidade encontrada em suas partes, é gerado dessa maneira. No entanto, como eles sustentavam que a única mudança que afeta a substância é acidental, como foi dito acima (75), a conclusão então se seguiu de que todo o universo é uma coisa substancialmente, mas muitas coisas acidentalmente. Mas esses pensadores [i.e., os Eleatas], diziam que o ser único que postulavam é imóvel em um sentido absoluto; e, portanto, uma diversidade de coisas não poderia ser produzida a partir desse ser único. Pois, sendo este ser imóvel, eles não podiam postular nenhuma pluralidade no mundo, seja substancial ou acidental.

136. No entanto, sua opinião (65).

Aqui ele mostra como a opinião deles é relevante para a investigação presente. Primeiro, ele lida com todos esses pensadores em geral; e segundo (142), com Parmênides em particular.

Ele diz, primeiro, que, embora eles tenham eliminado a diversidade no mundo e, conseqüentemente, a causalidade, no entanto, sua opinião é relevante para o presente estudo até este ponto, digamos: no que diz respeito ao método pelo qual eles estabelecem sua posição e à razão de sua posição.

137. Parmênides, que era membro deste grupo, parece tocar na unidade de acordo com a estrutura inteligível, i.e., de acordo com a forma; pois ele argumentava da seguinte forma: além do ser, só existe o não-ser, e o não-ser é nada. Portanto, além do ser, nada existe. Mas o ser é um. Portanto, além do um, nada existe.

Neste argumento, ele claramente considerou a própria estrutura inteligível do ser, que parece ser uma, porque nada pode ser entendido como sendo adicionado ao conceito de ser pelo qual ele possa ser diversificado. Pois o que quer que seja adicionado ao ser deve ser outro que não o ser. Mas qualquer coisa como esta é nada. Portanto, não parece que isso possa diversificar o ser; assim como também vemos que as diferenças adicionadas a um gênero o diversificam, embora essas diferenças estejam fora da substância desse gênero. Pois as diferenças não participam de um gênero, como é afirmado nos *Tópicos*, Livro IV, caso contrário, um gênero teria a substância de uma diferença. E as definições seriam absurdas se, quando um gênero é dado, a diferença fosse adicionada, considerando que o gênero fosse a substância da diferença, assim como seria absurdo se a espécie fosse adicionada. Além disso, uma diferença não diferiria de forma alguma de uma espécie. Mas aquelas coisas que estão fora da substância do ser devem ser não-ser, e, portanto, não podem diversificar o ser.

138. Mas eles estavam enganados nesta questão, porque usavam o ser como se fosse um em estrutura inteligível e em natureza, como a natureza de qualquer gênero. Mas isso é impossível. Pois o ser não é um gênero, mas é predicado de coisas diferentes de muitas maneiras. Portanto, no Livro I da *Física*, é dito que a afirmação “O ser é um” é falsa. Pois o ser não tem uma natureza como um gênero ou uma espécie.

139. Mas Melisso considerava o ser em termos de matéria. Pois ele argumentava que o ser é um pelo fato de que o ser não é gerado a partir de algo anterior, e essa característica pertence propriamente à matéria, que é não gerada. Pois ele argumentava desta forma: tudo o que é gerado tem um ponto de partida. Mas o ser não é gerado e, portanto, não tem um ponto de partida. Mas tudo o que carece de um ponto de partida carece de um fim e, portanto, é ilimitado. E se é ilimitado, é imóvel, porque o que é ilimitado não tem nada fora de si pelo qual seja movido.

Que o ser não é gerado, ele prova assim. Se o ser fosse gerado, seria gerado ou a partir do ser ou a partir do não-ser. Mas não é gerado a partir do não-ser, porque o não-ser é nada e do nada nada vem. Nem é gerado a partir do ser, porque então uma coisa existiria antes de vir a ser. Portanto, não é gerado de forma alguma.

Neste argumento, ele obviamente trata o ser como matéria, porque é da própria natureza da matéria não ser gerada a partir de algo anterior. E uma vez que a limitação pertence à forma, e a ilimitação à matéria, *Melisso*, que considerava o ser sob o aspecto da matéria, dizia que há um ser ilimitado. Mas *Parmênides*, que considerava o ser sob o aspecto da forma, dizia que o ser é limitado. Portanto, na medida em que o ser é considerado sob o aspecto da forma e da matéria, um estudo desses homens é relevante para a investigação presente; porque a matéria e a forma estão incluídas entre as causas.

140. Mas Xenófanés, que foi o primeiro desses a dizer que tudo é um (e, portanto, Parmênides foi seu discípulo), não explicou por qual raciocínio ele mantinha que todas as coisas são uma, seja

argumentando do ponto de vista da matéria ou da forma. Portanto, com respeito a nenhuma natureza, i.e., nem a matéria nem a forma, ele parece “alcançar esses homens”, isto é, atingi-los e igualá-los em sua maneira irracional de argumentar.

Mas com respeito a todo o céu, ele diz que o um é Deus. Pois os antigos diziam que o próprio mundo é Deus. Portanto, vendo que todas as partes do universo são semelhantes na medida em que são corpos, ele passou a pensá-las como se fossem todas uma. E assim como os filósofos anteriores sustentavam que os seres são um considerando aquelas coisas que pertencem quer à matéria quer à forma, de maneira semelhante esses filósofos mantinham essa posição a respeito do próprio composto.

141. Como já afirmamos (66).

Seu objetivo aqui é explicar de modo especial como a opinião de Parmênides se relaciona com a presente investigação. Ele conclui, a partir do que foi dito, que, uma vez que esses homens eliminaram a diversidade no mundo e, portanto, a causalidade, todos eles devem ser desconsiderados no que diz respeito ao estudo atual. Dois deles — Xenófanés e Melisso — devem ser totalmente desconsiderados, pois são um tanto “rústicos” demais, ou seja, procederam com menos precisão. Mas Parmênides parece ter expressado suas visões “com mais perspicácia”, isto é, com maior compreensão. Pois ele emprega o seguinte argumento: além do ser, existe apenas o não-ser, e tudo o que é não-ser “é considerado nada”; ou seja, ele o considera digno de ser nada. Assim, pensou que, necessariamente, o ser é um, e que tudo o que é diferente do ser é nada. Este argumento foi tratado mais claramente na *Física*, Livro I.

142. Mas, embora Parmênides tenha sido compelido por esse argumento a sustentar que todas as coisas são um, ainda assim, porque parecia aos sentidos que há muitas coisas na realidade, e porque ele foi compelido a aceitar o que aparece aos sentidos, seu objetivo foi fazer com que sua posição se conformasse a ambos, ou seja, ao que é apreendido tanto pelos sentidos quanto pela razão. Por isso, ele disse que todas as coisas são um segundo a razão, mas muitas segundo os sentidos.

E, na medida em que sustentava que há uma pluralidade de coisas segundo os sentidos, ele pôde sustentar que há no mundo tanto causa quanto efeito. Por isso, postulou duas causas, a saber, o quente e o frio, uma das quais atribuiu ao fogo e a outra à terra. E uma delas — o quente ou fogo — parecia pertencer à causa eficiente, e a outra — o frio ou terra — à causa material. E para que sua posição não parecesse contradizer a conclusão de seu próprio argumento de que tudo o que é além do ser é nada, ele disse que uma dessas causas — o quente — é o ser, e que a outra causa — aquela além do ser, ou o frio — é não-ser, segundo tanto a razão quanto a verdade da própria coisa, e é um ser apenas segundo a percepção sensorial.

143. Ora, nessa questão, ele se aproxima bastante da verdade; pois o princípio material, que ele considerava ser a terra, não é um ser em ato.

E de modo semelhante, também, um de dois contrários é uma privação, como é dito no Livro I da *Física*. Mas a privação não pertence à constituição inteligível do ser. Portanto, em certo sentido, o frio é a privação do calor e, assim, é não-ser.

144. A partir do que foi dito (67). Aqui ele resume as observações feitas sobre as doutrinas dos filósofos antigos; e, a respeito disso, faz duas coisas. Primeiro, resume as observações feitas sobre as doutrinas dos antigos filósofos da natureza; e, segundo (147), aquelas feitas sobre as doutrinas dos pitagóricos, que introduziram a matemática.

Portanto, das observações acima, ele conclui, primeiramente, que dos filósofos anteriores, que adotaram a mesma opinião, a saber, que a causa material é a substância das coisas, e que já começavam, pelo uso da razão, a conhecer as causas das coisas investigando-as, aprendemos as causas que foram mencionadas. Pois dos primeiros filósofos aprendeu-se que o princípio de todas as coisas é corpóreo. Isso é evidente pelo fato de que a água e coisas semelhantes, que são dadas como princípios das coisas, são corpos. No entanto, eles diferiam nesse aspecto: alguns, como Tales, Diógenes e pensadores similares, afirmavam que há apenas um princípio corpóreo, enquanto outros, como Anaxágoras, Demócrito e Leucipo, sustentavam que há vários princípios corpóreos. No entanto, ambos os grupos, ou seja, tanto os que postularam um princípio quanto os que postularam muitos, colocaram tais princípios corpóreos na classe de causa material. E alguns deles não apenas postularam uma causa material, mas acrescentaram a esta a causa da qual o movimento se inicia: alguns sustentando que ela é uma, como Anaxágoras ao postular o intelecto, e Parmênides, o amor, e outros que é duas, como Empédocles ao postular o amor e o ódio.

145. Portanto, fica claro que esses filósofos que viveram até o tempo dos italianos, ou pitagóricos, “e independentes deles”, ou seja, que tinham suas próprias opiniões sobre a realidade e desconheciam as dos pitagóricos, falaram obscuramente sobre os princípios das coisas; pois não designaram a que classe de causa tais princípios poderiam ser reduzidos. No entanto, fizeram uso de duas causas, ou seja, a fonte da qual o movimento se inicia e a matéria: alguns dizendo que a primeira — a fonte da qual o movimento se inicia — é uma, e outros duas; como foi apontado (145).

146. Ora, os pitagóricos (68).

Aqui ele resume as opiniões expressas pelos pitagóricos, tanto o que sustentavam em comum com os filósofos anteriores quanto o que lhes era peculiar. Ora, a opinião comum a alguns dos filósofos anteriores e aos pitagóricos era esta: que eles postularam, em certo sentido, dois princípios da mesma forma que os filósofos anteriores o fizeram. Pois Empédocles sustentou que há dois princípios contrários, um sendo o princípio das coisas boas e o outro o princípio das coisas más, e os pitagóricos fizeram o mesmo, como fica claro pela coordenação de princípios contrários que postularam.

147. No entanto, eles não fizeram isso da mesma maneira; porque Empédocles colocou esses princípios contrários na classe de causa material, como foi dito acima (111), enquanto os pitagóricos acrescentaram sua própria opinião à dos outros pensadores. A primeira coisa que acrescentaram é esta: disseram que o que chamo de *um*, o *limitado* e o *ilimitado* não são (~) acidentes de quaisquer outras naturezas, como fogo ou terra ou algo semelhante, mas afirmaram que o que chamo de *um*, o *limitado* e o *ilimitado* constituem a (+) substância das mesmas coisas das quais são predicados. Disso concluíram que o *número*, que é constituído de unidades, é a substância de todas as coisas. Mas, enquanto os outros filósofos da natureza postularam o *um*, o *limitado* e o *ilimitado*, eles, no entanto, atribuíram esses a outra natureza, como acidentes são

atribuídos a um sujeito, por exemplo, ao fogo ou à água ou algo desse tipo.

148. A segunda adição que fizeram às visões dos outros filósofos é esta: começaram a discutir e a definir “a quiddidade em si”, ou seja, a substância e a essência das coisas, embora tenham tratado isso de modo muito simplista, definindo as coisas superficialmente. Pois, ao dar definições, prestavam atenção apenas a uma coisa; porque diziam que, se uma dada definição se aplicasse primariamente a algo, isso seria a substância dessa coisa; como se alguém supusesse que a razão “duplo” é a substância do número dois, porque tal razão é encontrada primeiramente no número dois. E, uma vez que o ser foi encontrado primeiramente no um e não no múltiplo (pois o múltiplo é composto de uns), eles disseram, portanto, que o ser é a própria substância do um.

Mas essa conclusão deles não é aceitável; pois, embora o número dois seja duplo, a essência da dualidade não é a mesma que a do duplo de tal modo que sejam o mesmo conceitualmente, como a definição e a coisa definida. Mas, mesmo que suas afirmações fossem verdadeiras, seguir-se-ia que o múltiplo seria um. Pois alguma pluralidade pode pertencer primariamente a algo um; por exemplo, a paridade e a razão duplo pertencem primeiramente ao número dois. Daí [segundo eles] seguir-se-ia que o par e o duplo são o mesmo. E seguir-se-ia, igualmente, que aquilo ao qual o duplo pertence é o mesmo que o número dois, desde que o duplo seja a substância do número dois. Isso, de fato, é também a conclusão que os pitagóricos tiraram; pois atribuíram pluralidade e diversidade às coisas como se fossem um, tal como disseram que as propriedades dos números são as mesmas que as propriedades dos seres naturais.

149. Portanto, Aristóteles conclui que é possível aprender isso dos primeiros filósofos, que postularam apenas um princípio material, e dos filósofos posteriores, que postularam muitos princípios.

Revision #3

Created 6 September 2026 22:02:41 by Admin

Updated 12 September 2026 23:15:50 by Admin